



V
MAXIMILIEN
ou
o culpado ideal
Os professores enchem, senhor!

Belleville, fim de dia de inverno, noite caindo, rua Julien Lacroix, estou voltando para casa, cachimbo no canto da boca, sacola de compras, cabeça distraída, quando um sujeito encostado no muro me para, atravessando o braço como uma cancela de estacionamento. Pequeno aperto no coração.

– Fogo!

Assim, sem maior cuidado com os quarenta anos que nos separam. É um grandão de uns dezoito ou vinte anos, forte, que banca o seguro dos seus músculos e do seu desejo: ele exige fogo, damos, e pronto, é só isso.

Ponho a sacola no chão, pego o isqueiro e estendo a chama na direção do cigarro dele. Ele abaixa a cabeça, aspira e me olha pela primeira vez, por cima da ponta avermelhada. Aqui, mudança de atitude. Seus olhos se apertam, ele deixa cair o braço, tira o cigarro da boca e balbucia:

– Oh! Desculpe, senhor...

Uma hesitação.

– O senhor não é...? O senhor escreve... O senhor é escritor, não?

Eu poderia me dizer, com um arrepio de prazer: Vamos lá, um leitor, mas um velho instinto me sopra outra coisa: Atenção, um aluno, o professor de francês o deve estar fazendo ler um *Malaussène*; dentro de um segundo ele vai me pedir uma ajuda.

– Sim eu escrevo livros, por quê?

Ele não perde a oportunidade:

– Porque nossa professora nos faz ler *A fada, A fada...*

Bom, ele só conhece a palavra “fada” no título.

– Fala de Belleville e de umas velhinhas, e...

– *A fada carabina*, sim. E daí?

Agora, ele virou o garoto que passa os dedos pela cabeça antes de fazer a pergunta decisiva:

– A gente tem uma explicação de texto pra entregar. O senhor não podia me ajudar um pouco, me dizer duas ou três coisas?

Pego a sacola de compras.

– Você viu como me pediu fogo?

Embaraço.

– Você queria me assustar?

Protesto.

– Não, senhor, juro pela minha mãe!

– Não ponha sua mãe em perigo. Você queria me causar medo. (Eu me guardo de informar que quase consegui.) E não sou o primeiro do dia. A quantas pessoas você falou assim, hoje?

– ...

– Acontece que, a mim, você reconheceu, e agora quer que eu o ajude. Mas, quando você não tem um dever para pedir ajuda, como é que as pessoas fazem, com seu braço que barra o caminho delas? Elas ficam com medo de você e você fica contente, é isso?

– Não, senhor, não...

– O respeito, você conhece bem: é uma palavra que você pronuncia cem vezes por dia, não? Você acaba de me faltar com o respeito e queria que eu o ajudasse?

– ...

– Qual é o seu nome?

– Max, senhor.

Ele completa bem depressa:

– Maximilien!

– Está bem, Maximilien, você acaba de perder uma boa oportunidade. Eu moro ali, olhe, logo ali, rua Lesage, aquelas janelas ali em cima. Se você tivesse me pedido fogo educadamente, nós já estaríamos lá e eu o ajudaria a fazer o seu dever. Mas agora não, não é possível.

Última tentativa:

– Ah, senhor...

– Da próxima vez, Maximilien, quando você falar às pessoas com respeito. Mas esta noite não, esta noite você me fez ficar com raiva.

Penso bastante no meu encontro com Maximilien. Curiosa experiência, tanto para ele como para mim. Durante um segundo, tremi diante do vadio da rua e recuperei minha moral diante do aluno. Ele gostou muito de intimidar o bufão e depois tremeu diante da estátua de Victor Hugo (na rua Lesage, em Belleville, entre os garotos que vi crescer, alguns me chamavam por brincadeira de senhor Hugo). Maximilien e eu tivemos duas representações um do outro: o vadio da rua ou o aluno por ajudar, o bufão por intimidar ou o escritor por solicitar. Por felicidade, a chama de um isqueiro as misturou. Durante um segundo, nós fomos ao mesmo tempo o vadio e o aluno de liceu, o bufão e o romancista. O real, ali, ganhou em complexidade. Se tivéssemos ficado no episódio do cigarro e Maximilien não tivesse me reconhecido, eu teria entrado em casa envergonhado por ter sentido aquele frio de medo diante de um malandro, e ele, satisfeito por ter assustado um velho bufão. Ele teria podido contar vantagem aos colegas, e eu teria podido me queixar diante de um microfone. A vida teria sido simples, em resumo: o malandro da rua humilhando o cidadão honesto, uma visão do mundo conforme os fantasmas contemporâneos. Por sorte, a chama de um isqueiro revelou uma realidade mais complexa: o encontro de um adolescente que tem muito por aprender com um adulto que tem muito para lhe ensinar. Entre outras coisas, esta: se você quer se tornar imperador, que seja de si mesmo, não fique mais brincando de assustar o bufão, não acrescente nenhum grama de verdade à estátua de lerdo assustador que os falsos medrosos que têm os microfones na mão constroem tranquilamente nas suas costas...

– Tá bem...

Releio o que acabo de escrever e ouço um pequeno escárnio interior.

– Tá bem, tá bem, tá bem...

Sem dúvida, essa ironia é, mais uma vez, o lerdo que eu fui.

– Bonitas frases, veja só! Bela lição de moral recebeu o Maximilien!

E continua:

– Uma subidinha na autoestima?

– ...

– Dizendo de outro modo, você não ajudou esse aluno...

– ...

– Porque ele não foi educado, é isso?

– ...

– E você ficou contente com isso?

– ...

– E o que foi que você fez dos seus princípios? Os belos princípios expostos mais atrás. Lembre: *O medo de ler se cura com a leitura, o de não entender com a imersão no texto...* Esse gênero de declaração. Você se sente em cima?

– ...

– De fato, deu merda, nessa noite, por sua causa, com Maximilien. Raiva demais, talvez, ou medo demais, acontece que você tem medo, particularmente quando está cansado. E sabe muito bem que devia ter pegado esse cara pelo braço, levado para a sua casa, ajudado a fazer a explicação do texto e discutir com ele, até dar uma bronca nele, mas *depois* de ter feito o dever! Responder ao pedido, era essa a urgência, já que, por sorte, havia um pedido! Mal formulado? Certo! Interesseiro? Todos os pedidos são interesseiros, você sabe muito bem! É o seu trabalho transformar o interesse calculado em interesse pelo texto! Mas largar Maximilien na calçada para entrar em casa como você fez foi deixar em pé o muro que separa vocês dois. Consolidá-lo, até! Há uma fábula de La Fontaine sobre isso. Quer que eu a recite? Você representa o papel principal!

O MENINO E O MESTRE-ESCOLA

*Neste relato eu pretendo fazê-los ver
De certo Tolo a admoestação vã.
Um Menino na água se deixou cair
Brincando nas margens do Sena.
O céu permitiu que um salgueiro ali se encontrasse
Cuja folhagem, depois de Deus, o salvou.
Apreciando, eu digo, os ramos desse salgueiro,
Por esse lugar passa um Mestre-escola.
O Menino o chama: Socorro, estou caindo.
O Magister, virando-se aos seus gritos,
Com um tom grave e contrariado,
Acha por bem repreendê-lo: Ah! o pequeno Babuíno!
Vejam aonde o levou a sua tolice
E o que seja cuidar de tais marotos.
Como os pais são infelizes, pois que é preciso
Estar sempre atento a tal corja!
Como lhes é difícil! E eu lamento sua sorte!
Após tudo ter dito, ele pôs o Menino na margem.
Eu condeno aqui mais gente do que se pensa.
Todo falador, todo censor, todo pedante
Pode-se conhecer pelo discurso que adianto:
Cada um dos três engrandece um povo,
O Criador abençoou a raça.
Em cada assunto, eles só fazem é pensar
Nos meios de exercer sua língua.
Ei, meu amigo, tire-me do perigo.
Depois você faz o seu sermão.*

3

Maximilien é a figura do lerdo contemporâneo. Ouvir falar da Mescola hoje é, essencialmente, ouvir falar dele. Doze milhões e quatrocentos mil jovens franceses estão escolarizados por ano, dos quais um milhão de adolescentes saídos das imigrações. Digamos que duzentos mil estejam em fracasso escolar redibitório. Quantos, nesses duzentos mil, caíram na violência verbal ou física (insultos aos professores, cuja vida se torna um inferno, pancadaria, depredação dos locais...)? A quarta parte? Cinquenta mil? Admitamos. Segue-se que, de uma população de doze milhões e quatrocentos mil alunos, 0,4% é suficiente para alimentar a imagem de Maximilien, o fantasma aterrador do lerdo devorador de civilização que monopoliza todos os nossos meios de informação desde que se fale de escola, e acende todas as imaginações, incluindo as mais refletidas.

Suponhamos que eu me engane nos meus cálculos, que seja preciso multiplicar por dois ou três meu 0,4%: o número continua derisório, e o medo mantido contra essa juventude, perfeitamente vergonhoso para os adultos que somos.

Adolescente saído de um conjunto qualquer dos bairros da periferia, Black, Beur ou Gaulois* relegado, grande amador de marcas e de telefones celulares, élétron livre mas que se movimenta em grupo, encapuzado até o queixo, grafiteiro de paredes e do metrô, amador de uma música entrecortada de palavras vingativas, falando forte e com reputação de bater grosso, quebrador, *dealer*, incendiário ou semente de extremismo religioso, Maximilien é a figura contemporânea dos bairros populares de antigamente: assim como antigamente os burgueses gostavam de se divertir com o povo na rua de Lappe

* Negro, árabe ou branco, em gíria. (N. da T.)

ou nos bares às margens do Marne, frequentados por *apaches*, o bufão de hoje gosta de ficar ao lado de Maximilien, mas unicamente em imagem, imagem que ele cozinha com todos os molhos do cinema, da literatura, da publicidade e da informação. Maximilien é ao mesmo tempo a imagem daquilo que dá medo e daquilo que vende, o herói dos filmes mais violentos e o vetor das marcas mais usadas. Se, fisicamente (o urbanismo, o custo dos imóveis e a polícia garantem isso), Maximilien está confinado nas margens das grandes cidades, sua imagem é difundida até o coração dos bairros mais elitistas, e é horrorizado que o bufão vê seus próprios filhos vestir-se como Maximilien, adotar o código de linguagem de Maximilien e até, o máximo do horror, modular a voz segundo os sons emitidos pela voz de Maximilien! Daí a berrar a morte da língua francesa e o próximo fim da civilização é só um passo, logo dado, com um medo que se torna delicioso porque no fundo de cada um é Maximilien que é reconhecido como o sacrificado.

4

Olhando de perto, Maximilien é o inverso do culto da juventude. Nossa época se dá o dever de ser jovem: é necessário ser jovem, pensar jovem, consumir jovem, envelhecer jovem, a moda é jovem, o futebol é jovem, as rádios são jovens, as lojas são jovens, a publicidade é jovem, a TV está cheia de jovens, a Internet é jovem, os *people* são jovens, os últimos da geração *baby boom* vivos souberam permanecer jovens, nossos homens políticos, também eles, acabaram rejuvenescendo. Viva a juventude! Glória à juventude! É preciso ser jovem!

Com a condição de não ser Maximilien.

— **O**s professores enchem o saco da gente, senhor!
— Você está enganado. A sua cabeça é que já foi tomada. Os professores tentam dá-la de volta a você.

Essa conversa eu tive num liceu técnico na região de Lyon. Para chegar ao estabelecimento, precisei atravessar uma terra de ninguém de entrepostos de todos os tipos onde não encontrei viva alma. Dez minutos de marcha a pé entre paredes altas, muros, silos de cimento com teto de fibras de cimento, era esse o belo passeio de manhã que a vida oferecia aos alunos alojados nos conjuntos ali perto.

De que falamos naquele dia? De leitura, certamente, de escrita também, da maneira como as histórias chegam ao espírito dos romancistas, do que a palavra “estilo” quer dizer quando não se torna um sinônimo de “como”, da noção de personagem e da noção de pessoa, do bovarismo, e, em consequência, do perigo de ceder a ele uma vez o romance fechado (ou o filme visto), do real e do imaginário, de um que fazemos passar pelo outro nos programas de telerrealidade, de todas as coisas que interessam muito aos jovens quando eles querem ser sérios... E, mais genericamente, falamos das relações deles com a cultura. Nem é preciso dizer que eles estavam vendo um escritor pela primeira vez, que nenhum deles jamais tinha assistido a uma peça de teatro e que poucos entre eles tinham ido até Lyon. Como eu lhes perguntei a razão, a resposta não se fez esperar:

— É! A gente não vai lá para não ser tratado como ralé por aqueles bufões!

Em resumo, o mundo estava em ordem: a cidade tinha medo deles, e eles temiam o julgamento da cidade... Como muitos jovens dessa geração, rapazes e moças, eles eram, na maior parte, tão altos, que se podia pensar que tinham crescido entre as paredes dos entre-

postos, buscando o sol. Alguns estavam na moda – a que eles acreditavam ser a moda *deles*, mas que é uniformemente planetária –, e todos forçavam aquele modo de falar propagado pelo rap, o mesmo que afetava também os jovens bufões dos centros das cidades aonde eles não ousavam ir.

Nós viemos a falar de seus estudos.

Foi nesse estágio da conversa que interveio o Maximilien de serviço. (É, decidi dar a todos os lerdos deste livro, lerdos de subúrbio ou lerdos de bairros chiques, este belo nome superlativo.)

– Os professores nos enchem!

Era, visivelmente, o lerdo da turma. (Haveria muito que dizer sobre o advérbio “visivelmente”, mas o fato é que os lerdos se fazem reconhecer numa classe. Em todas aquelas aonde sou convidado, estabelecimentos de luxo, liceus técnicos ou colégios de uma periferia qualquer, os Maximiliens são reconhecíveis pela atenção crispada ou pelo olhar excessivamente benévolo que seu professor lhes dá quando eles tomam a palavra, pelo sorriso antecipado dos seus camaradas, e um não sei quê de deslocado em suas vozes, um tom de desculpa ou de veemência um tanto vacilante. E, quando estão calados – Maximilien fica calado muitas vezes –, eu os reconheço pelo seu silêncio inquieto ou hostil, tão diferente do silêncio atento do aluno que está envolvido. O lerdo oscila perpetuamente entre a desculpa de ser e o desejo de existir apesar de tudo, de encontrar o seu lugar, até de impô-lo, ainda que pela violência, que é o seu antidepressivo.)

– O que é isso de os professores enchem?

– Eles enchem, é só isso! Com as coisas deles que não servem para nada!

– Por exemplo, qual é a coisa que não serve para nada?

– É tudo, ora! As... matérias! Não são a vida!

– Qual é o seu nome?

– Maximilien.

– Pois bem, você está enganado, Maximilien, os professores não enchem, eles procuram lhe dar de volta a sua cabeça. Porque ela, a sua cabeça, é que já está tomada e cheia.

- Tomada, a minha cabeça?
- O que é que você está usando nos pés?
- Nos pés? Estou usando o meu N, senhor! (Aqui, o nome da marca.)
- O seu quê?
- Meu N, estou usando o meu N!
- E o que é o seu N?
- Como o que é? É o meu N.
- Como objeto, eu quero dizer, o que é como objeto?
- É o meu N!

Como não se tratava de humilhar Maximilien, dirigi-me aos outros e, mais uma vez, fiz a pergunta:

- O que é que Maximilien tem nos pés?

Houve troca de olhares, um silêncio embaraçado; acabávamos de passar um bom momento juntos, tínhamos discutido, refletido, feito brincadeiras, muitos riram, eles queriam me ajudar, mas era preciso concordar, Maximilien tinha razão:

- É o N dele, senhor.
- Está bem, eu vi, sim, é o N dele, mas como objeto, o que é como objeto?

Silêncio.

Então, de repente, uma jovem:

- Ah! Sim, como objeto! Bem, é um tênis!
- É isso! E você teria um nome mais geral do que “tênis” para designar esse gênero de objetos?

– ... calçado?

- É isso aí, tênis, calçado, sapato, pisante, tudo o que vocês quiserem, mas não N! N é a marca dele, e a marca não é o objeto!

Questão da professora deles:

- O objeto serve para andar. Para que serve a marca?

Um foguete luminoso, do fundo da sala:

- Pra gente bombar, professora!

Risada geral.

A professora:

- Para bancar o pretensioso, sim.

Nova pergunta da professora, que aponta para o suéter de outro jovem.

– E você, Samir, o que é que você está usando?

Mesma resposta, instantânea:

– É o meu L, professora!

Então, eu imitei uma atroz agonia, como se Samir tivesse me envenenado e eu estivesse morrendo na frente deles, quando outra voz gritou, rindo:

– Não, não, é um suéter! Tudo bem, senhor, fique aqui conosco, é um suéter, o L dele é um suéter!

Ressurreição:

– Sim, é o suéter dele, e, mesmo que suéter seja uma palavra de origem inglesa, sempre é melhor do que uma marca! Minha mãe teria dito: seu blusão, e minha avó: sua camisa de tricô, velha palavra, “tricot”, mas sempre melhor do que uma marca, porque são as marcas, Maximilien, que enchem as suas cabeças, e não os professores! As suas marcas enchem as suas cabeças: É o meu N, é o meu L, é a minha T, é o meu X, é o meu Y! Elas enchem as suas cabeças, tomam o seu dinheiro, tomam as suas palavras, e tomam também os seus corpos, como um uniforme, elas fazem de vocês publicidades vivas, como os manequins de plástico nas lojas!

Então contei a eles que, na minha infância, existiam homens-sanduíche e que eu me lembrava ainda de um deles, na calçada, em frente à minha casa, um senhor idoso apertado entre dois cartazes que louvavam uma marca de mostarda:

– As marcas fazem a mesma coisa com vocês.

Maximilien, nada bobo:

– Só que a nós elas não pagam!

Intervenção de uma jovem:

– Não é verdade, na porta dos liceus, na cidade, eles pegam uns chefinhos, bem exibidos, e calçam eles de graça para eles arrebitarem na sala. Os colegas ficam querendo igual e isso faz vender.

Maximilien:

– Legal!

A professora:

– Você acha? Eu acho que as suas marcas custam caro demais, mas valem muito menos do que vocês.

Seguiu-se uma discussão aprofundada sobre as noções de custo e valor, não os valores venais, os outros, os famosos valores, aqueles que têm a reputação de ter perdido o sentido...

E nos separamos com uma pequena passeata verbal: “Li-ber-da-de pa-ra as pa-la-vras! Li-ber-da-de pa-ra as pa-la-vras!”, até que todos os objetos familiares, como calçados, mochilas, canetas, suéteres, casacos de chuva, gravadores, bonés, telefones, óculos, tivessem perdido suas marcas para reencontrar seus nomes.

No dia seguinte ao dessa visita, de volta a Paris, enquanto eu descia as colinas do XX Distrito na direção do meu escritório, veio-me a ideia de avaliar os alunos com que eu cruzava no meu caminho, entregando-me a um cálculo metódico: 100 euros de tênis, 110 de jeans, 120 de blusão, 80 de mochila, 180 de gravador (a 90 decibéis por um destruidor diário auditivo), 90 euros pelo celular multifunções, sem prejudicar o que contêm suas bagagens, que eu faço, a bom preço, por 50 euros, tudo isso montado sobre patins de 150 euros. Total, 880 euros, ou seja, 5.764 francos por aluno, quer dizer, 576.400 francos de minha infância. Verifiquei, nos dias seguintes, tanto na ida como na volta, comparando os preços afixados nas vitrines que se encontravam no meu caminho. Todos os meus cálculos me levavam a meio milhão. Cada um daqueles garotos valia meio milhão de francos de minha infância! É uma estimativa média por criança da classe média dotada de pais com salários médios na Paris de hoje. O preço de um aluno parisiense passado a limpo, digamos, no fim das férias de Natal, numa sociedade que encara a sua juventude antes de tudo como uma clientela, um mercado, um campo de alvos.

Crianças clientes, então, com ou sem meios, tanto as das grandes cidades como as dos subúrbios, arrastadas na mesma aspiração ao consumo, no mesmo universal aspirador de desejos, pobres e ricos, grandes e pequenos, meninos e meninas, transvasados como num sifão pela única e voraz solicitação: consumir! Quer dizer, mudar de produto, querer o novo e, mais que o novo, a novidade. A marca! E que seja vista! Se as nossas marcas fossem medalhas, os garotos de nossas ruas pareceriam generais de opereta. Programas sérios de rádio explicam o que existe ali de suas identidades. Na manhã mesma da

última volta às aulas, uma grande papisa do marketing declarava na rádio, com o tom compenetrado de uma antiga responsável, que a Escola devia se abrir para a publicidade, que seria uma categoria de informação. O que deveria ser demonstrado. Apurei o ouvido. O que nos está contando, senhora Marketing, com sua voz de avó sensata, tão bem timbrada? A publicidade no mesmo saco que as ciências, as artes e as humanidades? Vovó, fale sério! Ela falava, a sabida. E dos diabos! É que ela não falava em seu nome, mas em nome *da vida como ela é!* E de repente me apareceu a vida, segundo vovó marketing: uma grande loja de comércio, sem paredes, sem limites, sem fronteiras, sem outro objetivo além do consumo! E a escola ideal, segundo a vovó: uma camada de consumidores cada vez mais gulosos! E a missão dos professores: preparar os alunos para empurrar seus carrinhos de compras nas aleias sem fim da vida mercante! Que se pare de mantê-los longe da sociedade de consumo!, martelava a vovó, que eles saiam “informados” do gueto escolar! O gueto escolar, era assim que a vovó chamava a escola! E a informação, era a isso que ela reduzia a instrução. Você está escutando, tio Jules? Os garotos que você salvava da idiotice familiar, que você arrancava dos intrincados arbustos dos preconceitos e da ignorância, era para trancá-los no gueto escolar, já viu! E você, minha violoncelista de Blanc-Mesnil, sabia que ao despertar seus alunos para a literatura, mais do que para a publicidade, você não era mais do que a carcereira cega do gueto escolar? Ah! professores, quando é que vocês vão escutar a vovó? Quando então vocês vão botar na cabeça que o universo não é para entender, mas para consumir? Não são os *Pensamentos* de Pascal, nem o *Discurso do método*, nem a *Crítica da razão pura*, nem Espinosa, nem Sartre que é preciso pôr nas mãos de seus alunos, ó filósofos, é o *Grande catálogo do que fazer de melhor na vida como ela é!* Vá, vovó, eu reconheci você no seu disfarce de palavras, você é mesmo o lobo mau dos contos! Encoberta por seus comentários encantatórios, você se escondeu com a goela aberta na saída das escolas para devorar os pequenos chapeuzinhos vermelhos consumidores, Maximilien na frente, é claro, porque tem menos defesas do que os outros. Deliciosas de morder, essas cabeças saturadas de

desejos, que os professores tentam arrancar de você, os coitados, tão desarmados, com as suas duas horas disso, três horas daquilo, e você com a sua formidável artilharia publicitária! Goela aberta, vovó, na saída das escolas, isso funciona! Desde a metade dos anos 1970, isso funciona cada vez melhor! Os que você devora hoje são os filhos dos que você devorava ontem! Ontem meus alunos, hoje a prole de meus alunos. Famílias inteiras ocupadas em tomar seus pequenos desejos por necessidades vitais na assustadora mistura da sua, vovó!, digestão argumentada! Reduzidos, todos, grandes e pequenos, ao mesmo estado de infância perpetuamente “desejante”. Mais! Mais!, grita do fundo do seu estômago o povo dos consumidores consumidos, crianças e pais misturados. Mais! Mais! E é certo que é Maximilien quem grita mais alto.

Veio-me um gosto amargo quando deixei meus jovens suburbanos de Lyon. Aqueles garotos estavam abandonados num deserto urbano. O próprio liceu deles era invisível, perdido no labirinto de entrepostos. Seu bairro não era muito mais alegre... Nem um café à vista, nem um cinema, nada que tenha vida, que se possa olhar, a não ser essas publicidades gigantescas louvando objetos que eles não podem comprar... Como criticá-los por esse seu jeito de fingir uma aparência permanente, essa imagem composta para o espelho público do grupo? É fácil zombar da sua necessidade de ser vistos, eles, que estão a tal ponto ocultos do mundo e que têm tão pouco para olhar! Que outra coisa lhes é oferecida além dessa tentação de existir *como imagem*, eles, que vão herdar o desemprego e a quem os acasos da história, em sua maior parte, impedem de ter um passado e privam de geografia? O que eles podem contar e sobre o que podem repousar – no sentido em que se repousa, descansa, se esquece um pouco de si mesmo, *se reconstitui* – senão sobre o jogo das aparências? Porque é isso, a identidade segundo vovó Marketing: vestir os jovens de aparência, satisfazer esse permanente desejo de fotogenia... Deus, ó Deus, que rival para os professores essa mercadora de imagens totalmente prontas!

No trem que me traz de Lyon, eu me digo que, de volta para minha casa, não é somente para casa que eu estou voltando: retorno ao coração da minha história, vou me aninhar no centro da minha geografia. Quando passo pela minha porta, penetro num lugar onde eu já era eu mesmo bem antes do meu nascimento: o menor objeto, o menor livro da minha biblioteca me atestam a minha secular identidade... Não é tão difícil, assim, a esse preço, escapar da tentação da imagem.

Naquela noite, Minne e eu não falamos de outra coisa:

– Não subestime esses garotos – disse-me ela. – É preciso contar com a energia deles! E com sua lucidez, uma vez passada a crise da adolescência. Muitos se saem muito bem.

Ela ficou citando os nomes dos nossos amigos que se saíram bem. Entre eles, sobretudo Ali, que podia ter acabado mal e hoje mergulha de novo no coração do problema para salvar os adolescentes mais ameaçados. E, porque eles são vítimas das imagens, é justamente pela manipulação da imagem que Ali decidiu tirá-los dessa situação. Ele os arma de câmeras e os ensina a filmar a sua adolescência tal como ela é, acima das aparências.

Conversa com Ali (extrato)

– São garotos em fracasso escolar – explica-me ele. – A mãe está sozinha na maior parte dos casos, alguns já tiveram aborrecimentos com a polícia, não querem escutar os adultos, encontram-se em classes de muda, algo parecido com as suas turmas acomodadas dos anos 1970, suponho. Eu pego os chefes, os chefinhos de quinze ou dezesseis anos, isolo-os provisoriamente do grupo, porque é o grupo que acaba com eles, sempre, os impede de se constituir, colo uma câmera nas mãos deles e lhes entrego um de seus colegas para entrevistar, um cara que eles mesmos escolhem. Eles fazem a entrevista sozinhos num canto, longe dos olhares, depois voltam e nós vemos o filme juntos, com o grupo desta vez. Isso não falha nunca: o entrevistado representa a comédia habitual diante da objetiva e aquele que está filmando entra no jogo. Eles fazem caras, reforçam o jeito de falar, rodam os mecanismos no vocabulário de dois vinténs deles, falando o mais alto possível, como eu quando era garoto, fazem como se estivessem se endereçando ao grupo, como se o único espectador possível fosse o grupo, e durante a projeção os colegas riem. Projeto o filme uma segunda, uma terceira, uma quarta vez. Os risos ficam mais espaçados, se tornam menos seguros. O entrevistador e o entrevistado sentem surgir algo de estranho, que não conseguem identi-

ficar. Na quinta ou sexta projeção, um verdadeiro mal-estar se instala entre o público e eles. Na sétima ou oitava (eu lhe garanto, aconteceu-me projetar nove vezes o mesmo filme!), eles já entenderam tudo sem que eu lhes explique, o que vem à superfície desse filme é a exibição, o ridículo, o falso, a comédia usual, suas mímicas de grupo, todas as escapatórias habituais, e isso não tem o menor interesse, zero, nenhuma realidade. Quando eles atingem esse estágio de lucidez, paro as projeções e os mando com a câmera refazer a entrevista, sem explicação suplementar. Desta vez, obtém-se algo mais sério, que tem relação com a vida real: eles se apresentam, dizem seus nomes, sobrenomes, falam de suas famílias, de sua situação escolar, há silêncios, eles procuram as suas palavras, vê-se que estão refletindo, tanto o que responde quanto o que pergunta, e pouco a pouco se vê *aparecer a adolescência* nesses adolescentes, eles cessam de ser jovens que se divertem causando medo, voltam a ser meninos e meninas de sua idade, quinze, dezesseis anos, a adolescência deles atravessa as aparências, ela se impõe, suas roupas e seus bonés voltam a ser acessórios, o gestual deles se atenua, instintivamente aquele que filma fecha o enquadramento, usa o *zoom*, é o rosto deles o que conta agora, pode-se dizer que o entrevistador *escuta o rosto do outro*, e nesse rosto o que aparece é o esforço de compreender, como se estivessem se olhando pela primeira vez tal como são: eles tomam conhecimento da complexidade.

Por seu lado, Minne me conta que, nas classes pequenas aonde vai, ela propõe um jogo que agrada às crianças: o jogo da aldeia. É um jogo simples que consiste em ir conversando com as crianças, descobrindo os traços mais fortes de seus comportamentos, suas aptidões, seus desejos, os caprichos de uns e outros, para transformar a turma numa aldeia onde cada um encontra o seu lugar, julgado indispensável pelos outros: a padeira, o carteiro, a professora, o garagista, a merceira, o doutor, a farmacêutica, o agricultor, o bombeiro, o músico, cada um tem seu lugar, incluindo aqueles para quem ela inventa ofícios imaginários e também indispensáveis, como a coletora de sonhos ou o pintor de nuvens...

– E o que você faz do bandido? O 0,4%, o bandidinho, o que é que você faz com ele?

Ela sorri.

– O policial, claro.

Ai de mim, não se pode eliminar o caso do verdadeiro bandido, do bandido matador, aquele que nem sequer por um jogo se transformará num policial. Raríssimo, mas existe. Na escola como fora dela. Em 25 anos de ensino, entre 2.500 alunos, devo ter cruzado com ele uma ou duas vezes. Eu o vi também sentado num banco de tribunal, um adolescente de ódio precoce, o olhar gelado, de quem se diz que terminou num *fait divers*, porque ele não se incomoda com nenhuma pulsão, não retém seus golpes, mantém sua fúria, premedita sua vingança, gosta de fazer mal, aterroriza as testemunhas e permanece perfeitamente imune ao remorso, uma vez cometido o crime. Esse jovem de dezoito anos, por exemplo, que quebrou a coluna vertebral do jovem K. a machadadas, pela simples razão que ele era do bairro em frente... Ou aquele outro, de quinze anos, que apunhalou seu professor de francês. Mas também essa jovem educada em escolas particulares, péssima aluna de dia e sedutora de quadragenários à noite, que ela entregava a dois comparsas de sua idade e do seu meio, que os torturavam até a morte para os roubar. Depois do interrogatório, ela perguntou aos policiais estupefatos se podia voltar para casa.

Eles não são adolescentes comuns. Uma vez explicado por todos os fatores sociopsicológicos imagináveis, o crime permanece o mistério da nossa espécie. Não é surpreendente que a violência física aumente com a pauperização, o confinamento, o desemprego, as tentações de uma sociedade de saciedade, mas que um menino de quinze anos premedite apunhalar seu professor – e que o faça! – permanece um ato patologicamente singular. E se torna, com grande reforço de manchetes e reportagens de televisão, o símbolo de certa juventude, num lugar preciso (a classe de subúrbio), e isso é fazer passar essa juven-

tude por um ninho de assassinos e a escola por um foco crimino-
gênico.

Em matéria de assassinato, é bom lembrar que, uma vez dedu-
zidos os ataques à mão armada, as rixas na via pública, os crimes
hediondos e os acertos de conta entre grupos rivais, cerca de 80%
dos crimes de sangue têm como quadro o ambiente familiar. É so-
bretudo em suas casas que os homens se matam uns aos outros, sob
os seus tetos, na fermentação secreta de seus lares, no coração de sua
própria miséria.

Fazer passar a escola por um lugar gerador de crimes é, em si, um
crime insano contra a escola.

Acreditar no que se diz nos dias atuais, a violência só teria entrado ontem nas escolas, sozinha pelas portas do subúrbio e somente pelas vias da imigração. Ela não existia antes. É um dogma, isso não se discute. Guardo, entretanto, a lembrança de uns coitados torturados pelas nossas bagunças, nos anos 1960, e do professor exasperado que jogou a sua mesa sobre a nossa turma de nona série, por exemplo, ou daquele inspetor que foi levado de algemas nos punhos porque tinha dado uma surra num aluno que o tinha acuado até a loucura, e, no começo dos anos 1980, dessas jovens bem-comportadas que tinham mandado o professor para uma cura de sonoterapia (eu era o substituto dele) porque ele tinha tido a pretensão de as fazer frequentar *A princesa de Clèves*, que as senhoritas julgaram “chato demais”...

Já nos anos 1870, Alphonse Daudet exprimia sua dor de bedel torturado:

Tomei conta do estudo dos médios. Encontrava ali uns cinquenta, turbulentos, engraçados, bochechudos de doze a quatorze anos, filhos de meeiros enriquecidos, que os pais mandavam ao colégio para fazer deles pequeno-burgueses, à razão de cento e vinte francos por trimestre. Grosseiros, insolentes, falando entre si um rude dialeto, do qual eu não entendia nada, eles tinham, quase todos, essa feiura especial da infância que está na muda, as mãos grossas, vermelhas e com frieiras, as vozes de jovens galos resfriados, o olhar duro e, pairando por cima, o odor do colégio. Eles me detestaram imediatamente, sem me conhecer. Eu era para eles o inimigo, o Bedel; e, a partir do dia em que me sentei no meu posto, foi a guerra entre nós, uma guerra feroz, sem trégua, o tempo todo.

Ah! As cruéis crianças, como me fizeram sofrer!

Eu gostaria de falar dessas coisas sem rancor, dessas tristezas tão distantes! Mas não! Não pude, acreditem! Nessa hora mesma em que escrevo estas linhas, sinto que minha mão treme de febre e de emoção. Parece que ainda estou lá.

(...)

É terrível viver cercado de malevolência, ter medo sempre, estar sempre na espreita, sempre armado, é terrível punir – fazemos injustiças, apesar de nós mesmos –, é terrível duvidar, ver armadilhas em todas as partes, não comer sossegado, não dormir em repouso e se dizer sempre, mesmo nos minutos de trégua: “Ah, meu Deus, o que é que eles vão me aprontar agora?”

Calma, você está exagerando, Daudet, porque estão lhe dizendo que é preciso esperar um bom século para que a violência entre na escola! E não por Cévennes, Daudet, pelo subúrbio, só pelo subúrbio!

Antigamente se representava o lerdo em pé, imóvel, orelhas de burro enfiadas na cabeça. Esta imagem não estigmatizava nenhuma categoria social em particular, ela mostrava uma criança entre outras, mandada para o canto por não ter aprendido a lição, por não ter feito o dever, ou por ter feito bagunça com o senhor Daudet, aliás, *Le Petit Chose*. Hoje, e pela primeira vez em nossa história, é uma categoria inteira de crianças e adolescentes que é, diariamente, sistematicamente, estigmatizada como lerdos emblemáticos. Eles já não são mandados para o canto da sala, já ninguém lhes enfia orelhas de burro na cabeça, a palavra lerdo em si mesma caiu em desuso, o racismo é considerado uma infâmia, mas eles são filmados sem parar, são apontados na França inteira, escreve-se sobre os malefícios de alguns artigos que os apresentam como um incurável câncer no flanco da educação nacional. Não contentes em submetê-los ao que se assemelha a um *apartheid* escolar, é preciso que, principalmente, nós os apreendamos como uma doença nacional: eles são *toda* a juventude de *todos* os subúrbios. Lerdos todos, no imaginário do público, lerdos e perigosos: eles são a escola, porque só se fala deles quando se fala da escola.

Porque só se fala da escola para se falar deles.

É verdade que certas exações cometidas (alunos chantageados, professores agredidos, liceus incendiados, estupros) não podem ser comparadas com as desordens escolares de antigamente, que se limitavam a violências mais ou menos controladas, no quadro definido dos estabelecimentos escolares. Mesmo sendo rara, a força simbólica desses malefícios é terrível, e a sua propagação é quase instantânea pelas imagens da televisão, da Internet, dos celulares, ampliando em dez vezes o perigo mimético.

Visita, há algum tempo, a um liceu de ensino geral e tecnológico, perto de Digne, onde devo encontrar várias turmas.

Noite de hotel.

Insônia.

Televisão.

Reportagem.

Veem-se grupos pequenos de jovens no Champs-de-Mars,* à margem de uma manifestação de estudantes, atacando vítimas, como por acaso. Uma das vítimas cai. É um garoto da mesma idade dos seus agressores. Batem nele. Ele se levanta, é perseguido, torna a cair, batem de novo. As cenas se multiplicam. Sempre o mesmo cenário, a vítima é escolhida ao acaso, por impulso de algum membro do grupo, que, formando matilha, se atira sobre ela. A matilha corre atrás de quem corre, cada um é empurrado pelos outros, ele mesmo sendo um motor. Eles correm à velocidade de projéteis. Mais adiante, no mesmo programa, um pai está dizendo que seu filho se deixou levar; é verdade, em todo o caso em certo sentido, do que leva e é levado. Maximilien (o meu) faz parte de um desses grupos? A ideia me atra-

* Grande esplanada no centro de Paris. (N. da T.)

vessa. Mas aqui a gratuidade das agressões é tal que Maximilien pode também se encontrar entre as vítimas; não há tempo para apresentações, a violência é cega, imediata, extrema. (Um anúncio desaconselha o programa aos menores de doze anos. Ele deve ter passado uma primeira vez em horário de grande audiência, e eu imagino que um monte de garotos, atraídos pela interdição, deve ter logo colado a cara na tela.) As cenas são comentadas por um policial e um psicólogo. O psicólogo fala da “desrealização” de um mundo sem trabalho submerso pelas imagens de violência, o policial invoca o traumatismo das vítimas e a responsabilidade dos culpados; os dois têm razão, certamente, mas eles dão a impressão de estar acampados em dois terrenos de opinião inconciliáveis, marcados pela camisa aberta do psicólogo e pelo nó da gravata do policial.

Segue-se agora um grupo de quatro jovens presos por ter matado um barman. Eles o espancaram até a morte, para brincar. Uma jovem filmava a cena no seu celular. Ela mesma chutou a cabeça da vítima como se fosse uma simples bola. O comissário que os prendeu confirma a perda total do senso de real e, a partir daí, de toda a consciência moral. Aqueles quatro tinham passado a noite a se divertir assim: bater nas pessoas e filmar.

Podemos vê-los, graças às câmeras de segurança, ir de uma agressão a outra, num passo tranquilo, como os companheiros de balada em *Laranja mecânica*. Filmar essas violências em telefones celulares é uma nova moda, informa o comentarista. Uma jovem professora foi vítima, na sua sala de aula (imagens). Ela é mostrada, jogada no chão por um aluno, agredida, filmada. Qualquer pessoa pode registrar facilmente esse gênero de cena hoje em dia. Pode até acrescentar a música de sua escolha. Comentários desabusados de certos adolescentes que olham o filme da professora agredida.

Troco de canal.

Proporção incrível de filmes violentos nos outros canais. É uma noite tranquila, o cidadão dorme calmamente, mas, junto da sua cama, no silêncio obscuro do seu aparelho, as imagens vigiam. Trucida-se sob todas as formas, em todos os ritmos, em todos os tons. A humanidade moderna põe em cena o assassinato permanente da humani-

dade moderna. Num canal a salvo, longe da presença dos homens, na paz fotogênica da natureza, são os animais que se entredevoram. Com música, eles também. Volto ao meu canal do começo. Um intrépido jovem, cujo ofício consiste em montar para a televisão todas as cenas de violência extrema filmadas no mundo (linchamentos, suicídios, acidentes, emboscadas, bombas, assassinatos etc.), justifica seu trabalho sujo pelo clássico argumento do dever de informar. Se ele não fizer, outros farão, afirma: ele não encarna a violência, é apenas o mensageiro... Um cretino ordinário que faz rodar a máquina, ao mesmo título que vovó Marketing, filho dela, talvez, e bom pai de família, vá se saber...

Desligo.

Não encontro jeito de dormir. E fico tentado a optar, de minha parte, por um pessimismo de apocalipse. Pauperização sistemática de um lado, terror e barbárie generalizada de outro. Desrealização absoluta nos dois campos: abstrações na bolsa do lado dos ricos, videomassacre com os proscritos; o desempregado transformado em ideia de desempregado pelos grandes acionistas, a vítima em imagem de vítima pelos malfeitores. Em todos os casos, desaparecimento do homem de carne, osso e espírito. E a mídia orquestrando essa ópera sangrenta em que os comentários fazem pensar que, potencialmente, *todos* os garotos dos subúrbios poderiam correr pelas ruas para arrebentar o seu próximo, reduzido a uma imagem de próximo. O lugar da educação nisso tudo? Da escola? O da cultura? Do livro? Da razão? Da língua? De que serve ir amanhã a esse liceu de ensino geral e tecnológico se os alunos que vou encontrar são acusados de passar a noite nas entranhas dessa televisão?

Sono.

Despertador.

Chuveiro.

A cabeça embaixo da água fria, um bom momento.

Meu Deus, a energia que é preciso para *voltar à realidade* após ter visto aquilo! Que horror, a imagem que, a partir desses dementes, nos é dada da juventude! Eu a recuso. Vamos nos entender bem, eu não nego a realidade dessa reportagem, não subestimo os perigos da

delinquência. Como a qualquer pessoa, as formas contemporâneas da violência me horrorizam, temo a cachorrada da matilha, tampouco ignoro a dor de viver em certos bairros periféricos, sinto ali o perigo dos comunitarismos, sei muito bem, entre outras, a dificuldade de nascer menina ali e de se tornar mulher, calculo os riscos extremos a que se encontram expostos os filhos saídos de uma ou duas gerações de desempregados e que presas eles constituem para os traficantes de todo gênero! Sei isso, não minimizo as dificuldades dos professores confrontados com os alunos mais desestruturados desse assustador desperdício social, mas recuso-me a assimilar essas imagens de violência a *todos* os adolescentes de *todos* os bairros em perigo e, sobretudo, sobretudo, detesto esse medo do pobre que esse gênero de propaganda atíça a cada novo período eleitoral! Vergonha daqueles que fazem da juventude mais desamparada um objeto fantasmático de terror nacional! Eles são a escória de uma sociedade sem honra que perdeu o sentimento mesmo de paternidade.

Acontece que é dia de festa no liceu de ensino geral e tecnológico, nessa manhã; a festa do colégio. Um liceu inteiro transformado por dois ou três dias em lugar de exposição de tudo o que os alunos criaram fora dos seus estudos oficiais: pintura, música, teatro, arquitetura mesmo (eles construíram seus estandes de exposição), sob a batuta de uma diretora e de uma equipe que conhece cada menina e cada menino por seu nome. No saguão, uma pequena orquestra de alunos. O violino me acompanha ao longo dos corredores. Três ou quatro turmas me esperam numa vasta sala. Jogamos durante duas horas o jogo livre de perguntas e respostas. A vivacidade deles, o riso, a brusca seriedade, as descobertas, a sua energia vital, sobretudo a espantosa energia deles me salvaram do meu pesadelo televisivo.

Volta.

Estação de trem.

Mensagem de Ali no meu celular:

– Tudo bem com você? Não esqueça a nossa parada de amanhã: meus alunos estão esperando por você. Eles fecharam a montagem dos seus filmes. Você tem que ver isso, eles estão apaixonados!